

# SELEÇÕES EM FOLHA

mfmendez@superig.com.br

Ano X, Nº 08 – 2006, AGOSTO

Assinatura até Dezembro de 2006: 04 selos postais de 1º Porte Nacional Não-comercial (R\$ 0,55) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Doce anos, doce flores  
em este, Inês gentil, nido de amores;  
doce anos, doce vidas  
em las almas al yugo férreo uncidas.  
Doce anos, doce pontos  
en la vida feliz de los difuntos.  
Pusiéronle una flor en los cabellos:  
¡De vergüenza murió la flor en ellos!  
*Síntesis*

José Julián Martí 1853-1895, de Poemas escritos en España,  
José Martí Poesía Completa, Tomo II,  
Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Um agudo de cheda seresteira tira a carreta dos sulcos na estrada. Apeia-se o gaúcho na poeira um dia chega ao fim da sua jornada. Desajouando os bois pela dianteira a última junta solta-se cansada. A douradilha de passarinhoira aponta orelha para os rumos da aguada. Um piazzito sal a catar lenha, longe a primeira estrela se desenha, a cobra chama o sapo em silvo falso. O guasca mexe-mexe nos embrulhos a lagartixa espalha pedrugulhos o cusco erguendo a perna mija o salso. Getúlio Floriano Elwanger Neves, Um Dia a Mais – 1952; em Corpo e Alma, Antologia, 1996, Academia Santanense de Letras, RS Gentileza de Paulo César Gutierrez Gugiana	Es, a um tempo, colérica e serena. Lembras um espelho a outro defronte. Ímpia no olhar, serpente e Laocoonite, afável no que diz, oposta e plena. Não sei se te adivinho ou se se engrena aqui, de pensamento vário, um monte. Mais do que o boato, prima-se a fonte, o impasse vem de ti, cura e gangrena. Não sei quem és!, e mesmo assim te amo. Tenho fome de me nutrir de ti: engulo-te semente, seiva e ramo. Instável horizonte tu me ofertas: régia fleuma, distante frenesi, o ardor que vem das coisas mais incertas! Oliver Quinto, Gêmeos, à <i>Eliana Monteiro Staub</i> ; em X Coletânea Comedi 2006, www.komedi.com.br – Gentileza de Amália Marie Gerda Bornheim	Quando, despertos deste sono, a vida, soubermos o que somos, e o que foi essa queda até Corpo, essa descida até a Noite que nos a Alma obstrui, conhecereemos pois toda a escondida verdade do que é tudo que há ou flui? Não: nem na Alma livre é conhecida... Nem Deus, que nos criou, em Si a inclui. Deus é o homem de outro Deus maior: Adam supremo, também teve Queda; também, como foi nosso Criador, foi criado, e a Verdade lhe morreu... de além o Abismo, Sprito Seu, Lha veda; aquém não a há no Mundo, Corpo Seu. Fernando Pessoa, No Túmulo de Christian Rosencreutz – I: em Grandes Sonetos da Nossa Língua, José Lino Grünewald, Editora Nova Fronteira, 1988.
--	--	---

Sobre o busto ela trazia três rosas frescas, catitas, e, contando-as, eu dizia: que cinco rosas bonitas! Luiz Homero de Almeida, Trovalegre 0607, Caixa Postal 181, 37550-000 – Pouso Alegre, MG	Todo mundo vai passando e eu aqui assistindo... logo, logo, vou parando; logo, logo, já vou indo... Manoel F. Menendez	Andando dias a fio, debaixo de um sol ardente, encontro a sombra e avalio quanto vale uma semente! Neide Rocha Portugal, O Pitiguari 0508, R. Guanabara 542, Praia de Areia Preta 59014-180 – Natal, RN	Nesta vida que se arrasta tão cheia de coisas loucas, há pessoas de mil castas, mas castas mesmo há bem poucas! Paulo Emílio Pinto, Trovamar 0608, Rua 2700 71, Apto 302, Balneário Camboriú, SC	Menina linda, essa fada! – diz o moço... e vejamos só: surpresa, ela diz, zangada: – Mais safada é a sua avó! Vanda Fagundes Queiroz, XXII Jogos Florais de Bandeirantes, PR – gentileza de Lucília A. Trindade Decarli	Descontraia sua testa, sorrir é a grande investida... – Quem transforma a vida em festa vence a tensão reprimida! Vânia Souza Ennes, Trovia 0607, Rua Arthur Thomas 259, Apto. 702 87013-250 – Maringá, PR
Copo de uísque na mão, reprende o filho drogado. Esse pai, pela razão, merece ser respeitado?...	Ter aparências apenas é o tom da mediocridade; são fronteirinhas pequenas do egoísmo e da vaidade.	No delírio da conquista a consciência se desfaz, e a glória nos turva a vista, seja na guerra ou na paz.	<i>Que a terra lhe seja leve,</i> refrão que um engano encerra. Melhor seria <i>até breve</i> no seio da mesma terra!	Nossa terra tem palmeiras... ...e um dia não terá mais. Nas florestas brasileiras – onde estão os palmitais?	A renúncia a cada dia confere aos pais mais valor; paternidade sadia é uma renúncia de amor.

Newton Meyer de Azevedo † 03.05.2006, de seu livrete Trovas do Ano 2005

## TEMAS DA SAZÃO INVERNO – QUIDAIS DE INVERNO

O sítio festeja, danças e muita alegria. Dia do Folclore. Anita Thomaz Folmann †	Passeio no campo o gado se refestela no capim-gordura. Cecy Tupinambá Ulhôa	Crianças correndo, cabelos em algodão. Paina flutuando. Maíra Kawauchi Weiers	Dançam no palco, narram o Uirapuru. Dia do Folclore. Manoel F. Menendez	Igreja florida. Fiéis cantam seus hinos. Dia do Padre. Olga dos Santos Bussade †	Dia do Soldado. Reunida a corporação, ouve-se um clarim. Olíria Alvarenga	Faz frio cortante homens recolhem o gado ao cair da tarde. Walma da Costa Barros
---	--	--	--	---	--	---

## HAICUS E M FOLHA

Novela e novela: vovó tricota um pulôver em frente à TV. B Alba Christina	Bem antes da aurora névoa de inverno se espalha descendo o sol. F Alba Christina	De repente o sol, filtrando a névoa de inverno, descobre a cidade... A Amália Marie Gerda	Na beira da praia, só a poluição de plásticos, no embalo das ondas... F Amália Marie Gerda	Árvores sumidas na névoa de inverno. Ao longe, um galo. R Amauri do Amaral Campos	Pela estrada, à frente, luz de faróis adentrando na névoa de inverno. D Analice Feitoza de Lima	Criança chorando esfrega os olhos vermelhos. Muita poluição. W Analice Feitoza de Lima
Imenso vêu branco oculta a visão da estrada. É a névoa de inverno. M Angélica Villela Santos	Chamando atenção, com seu pulôver vermelho, caminha a mulata. M Antônio Seixas	Na hora da saída, a menina procurando pelo seu pulôver. W Antônio Seixas	Vovó na varanda balançando na cadeira, tricota um pulôver. D Cecy Tupinambá Ulhôa	Nas curvas da serra a névoa de inverno engole o tráfégo lento... B Darly O. Barros	Aos pés da lareira duas gerações tricotam pulôveres de lã... D Darly O. Barros	No Pronto Socorro fila para inalação. Poluição intensa. F Darly O. Barros
Ao pôr-do-sol, nuvens de poluição pousam no horizonte. R Denise Cataldi	Ainda com sono, o sol descerra a janela da névoa de inverno. F Elen de Novais Felix	Na porta da fábrica, sombas perdidas na treva... Densa poluição!... R Elen de Novais Felix	Mutirão recolhe a poluição da praia. Todos animados. F Flávio Ferreira da Silva	Na névoa de inverno, luvas e gorros de lã. Dança colorida. M Lávia Lacerda Menendez	Garoto gorducho tenta vestir o pulôver de gola pequena. W Lávia Lacerda Menendez	Poluição. Metrôpole. Sombra negra de fumaça encobre as estrelas. W Lávia Lacerda Menendez
Rapaz apressado à procura do pulôver. Camiseta branca. W Manoel F. Menendez	Poluição no rio, lixo entulhado nas margens. Urubus no chão. F Mª Marlene N. Teixeira Pinto	Névoa de inverno recai sobre a plantação. Verduras queimadas. M Mª Marlene N. Teixeira Pinto	Pulôver quentinho no manequim da vitrine. Inverno chegando. M Mª Marlene N. Teixeira Pinto	Foi-se embora o sol. Prepara-se para a noite a névoa de inverno. R Nadyr Leme Ganzert	Nuvem de fumaça encobre a grande cidade: poluição avança. W Renata Paccola	Não se enxerga nada, senão uns vultos por perto. Névoa de inverno. R Roberto Resende Vilela

O hocu era e é a partida para o encadeamento de estrofes conhecido como haicai, e nada tem a ver com os demais tercetos ou duetos deste. O hocu (literalmente *estrofe inicial*), devido a sua função no encadeamento, era e é um terceto aberto. Considero o haicu com seus mesmos princípios, e contendo um corte no texto, a mais antiga poesia moderna do mundo.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), *seu único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, alterações nos seus substantivos etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, *só praticando*. Não há outra opção: comece já!

Num Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), a parte, orientaremos sobre os tercetos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. *Vamos lá, coragem!*

## SELEÇÕES MENSAS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS



Remeter até 30.08.06, quigos à escolha: Aragem, Flor de cerejeira, Jataí.



Remeter até 30.09.06, quigos à escolha: Flor-da-noite, Presépio, Pulga.



Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132  
01150-011 - São Paulo, SP

ou

mfmendez@superig.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.

2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuísta enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuísta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

T R E V O S À M O D A O C I D E N T A L E T R E V O S P E R S O N A G E M

Sol impiedoso, queima o verde das florestas. Árvores sem folha. Ailson Cardoso de Oliveira	Árvores brotando no fundo do lodaçal que já foi um rio. Alba Christina	Cações, majestosos, com movimentos de adágio, ondulam seus mantos... Amália Marie Gerda	Vencendo a cerca o cipó-de-são-jão ignora as farpas. Amauri do Amaral Campos	Festa de crianças. Um buraco de tatu, ninho de coruja. Analice Feitoza de Lima	O capim-gordura – melinis minutiflora – ótima pastagem! Angélica Villela Santos	Se chama aipim, mandioca ou macaxeira mas o gosto é o mesmo. Cecy Tupinambá Ulhôa
Cação ensofado – a prole ansiosa aplaude. Fome saciada. Darly O. Barros	Idoso doente toma chá de mororó para diabetes... Djalda Winter Santos	Penachos dourados, no palco verde da grama... São brotos de trigo! Elen de Novais Felix	Feio, pegajoso e gordo, o cação na sopa ficou tão gostoso! Fernando L. A. Soares	Leito enrugado mostra cara envelhecida. Feio Rio Seco. Fernando Vasconcelos	Nos campos, bem útil. A graminea necessária. É o capim-gordura. Haroldo R. Castro	Se um dia é da pesca... Há o dia do pescador preferir um frango... Hermoclydes S. Franco
A couve-flor branca entre gordas folhas verdes, gostosa beleza. Héron Patrício	Cardápio do dia no restaurante da esquina: – cação em moqueca! Humberto Del Maestro	Novidade em casa! Maria vai ter nenê! Deseja morango. João Batista Serra	Peixe brasileiro o atum nos dá patê é uma gostosura. Jorge Picanço Siqueira	Praça. Frio branco. Criança de rua em vôo... Vira-lata ao lado. Leonilda Hilgenberg Justus	Pairam pensamentos: qual destino tomarei? Urubus no azul... M. U. Moncam	A cauda abanando, um boi fuçando o capim. Mícuim preparado. Manoel F. Menendez
Bovinos saudáveis, pasto de capim-gordura, prontos para abate. Maria App. Picanço Goulart	Sobre a cumeira pia a coruja agourenta... Só superstição. Maria Madalena Ferreira	Dia dos pais... Mãe! todo mundo tem família... só filhos de ricos! Nilton Manoel Teixeira	Não prefiro orquídeas. Amo as rosas fartas, perfumosas, impares. Olga Amorim	Filme de terror. Uma árvore desfolhada provoca arrepios. Renata Paccola	Vento cortante. Seus cabelos compridos pra todos os lados. Sérgio Francisco Pichorim	Vida rotineira: ao nascer do dia gélido homens vão aos campos. Walma da Costa Barros

D E P O I S D A T E M P E S T A D E

L. G. Kerrigan, em Ellery Queen – Mistério Magazine, abril de 1977

Mrs. Wilcox podia escutar o constante tamborilar da chuva no telhado do chalé. Estava diminuindo. O pior da tempestade já havia passado, mas ela continuava sentada e encolhida na saleta, tricotando sapatinhos de lã macia. Só por duas vezes ela se levantara da poltrona funda e afastara a manta de crochê do colo: uma vez foi para fazer um bule de chá e outra para verificar a maré.

A janela da cozinha dava para o mar que invadira a terra implacavelmente, mas ela não estava com medo. Morava naquele chalé à beira-mar há dez anos e já presenciara muitas tempestades.

As casas vizinhas, desocupadas, eram propriedades de turistas. Mrs. Wilcox chamava-os *transeuntes* – mulheres pretensiosas vestidas com biquínis, poluindo a praia com seus horrorosos corpos nus.

Ela detestava a chegada do inverno, quando os *transeuntes* lá se amontoavam em manadas, fugindo do frio do norte e ávidos do calor do sol. Se não fosse por Mr. Wilcox e sua artrite, eles já teriam mudado para outro lugar. Mas o clima quente aliviava as dores do marido.

Levantou-se pela terceira vez. Seu instinto agudo lhe dizia que Mr. Wilcox estava chegando. Abriu a porta da cozinha e debruçou-se na garoa fina, que estava ligeiramente seu rosto. Farejou o ar e torceu o nariz com repugnância. Estava impregnado do cheiro de mariscos mortos. Era horrível. Depois de cada tempestade, ela era obrigada a sentir o odor de algas podres e dos úmidos cadáveres de pequenas criaturas do mar.

Mr. Wilcox podia ser visto ao longe; sua capa era um minúsculo pontinho amarelo contra o horizonte cinza.

Apressuroso em fazer mais chá. Cortou um limão em fatias, pôs um pedaço na boca e chupou-o ruidosamente.

Apesar de ser sexta-feira, não esperava a visita semanal do vendedor de legumes, não com aquele tempo. Mas de repente, lá estava ele emoldurado pela porta, com o familiar caixote de madeira de frutas e vegetais nas mãos.

– Oh! – exclamou ela. – Não o ouvi bater. Por detrás dos pimentões o homem segurava um reluzente revólver preto.

O homem atirou nela uma vez, na cabeça. Pouco antes de ele apertar o gatilho, Mrs. Wilcox estranhou o fato de não ser aquele o seu habitual vendedor de legumes.

Mr. Wilcox sacudiu as gotas de chuva da capa e tirou as galochas antes de entrar no chalé. Sara não gostava de desordem.

– Sara! – gritou ao entrar. Parou ao vê-la caída no chão com o sangue escorrendo da cabeça.

– Oh, meu Deus! – disse ela. Mr. Wilcox quis murmurar alguma coisa mas não conseguiu. Então viu o vendedor de legumes deixando a casa. Não tinha olhado seu rosto, pois ele já ia muito longe – como declararia mais tarde. Após um momento de hesitação, chamou a polícia.

O sol finalmente aparecera na sexta-feira seguinte. O tempo perfeito para pescaria, pensou Mr. Wilcox. Teve que vasculhar o porão para achar seu equipamento, pois havia muito tempo que não o usava. Mrs. Wilcox nunca se importara com esse esporte e, à vista de um peixe morto, saía correndo para o quarto tapando o nariz com os dedos. – Tire essa coisa fedorenta daqui, John, – ela diria com rispidez – e nunca mais traga nenhum peixe para dentro de casa!

Mr. Wilcox sentou-se e saboreou o café da manhã, antegozando o delicioso peixe que iria pescar. Todos sabiam que após uma tempestade o mar ficava cheio deles.

Através das janelas abertas, uma brisa ligeira soprava, trazendo do oceano um forte odor de maresia. Mr. Wilcox não conseguia se lembrar da última vez em que as janelas haviam sido abertas. Respirou fundo e sorriu, ansioso por sair. Mas tinha que esperar. Precisava pagar o vendedor de legumes.

Hoy un juramento, mañana una traición, amores de estudiante flores de un día son.

En unos labios ardientes dejar una promesa apasionadamente.

Quiero calmar los enojos de aquellos claros ojos siempre mintiendo amor.

Por un mirar que ruega perder la quietud. Mujercitas sonrientes que juran virtud.

Es una boca loca la que hoy me provoca. Hay un collar de amores en mi juventud.

Fantasmal del pasado, perfumes de ayer, que evocaré doliente plateando mi sien.

Bandas de recuerdos de un tiempo querido, lejano y florido que no olvidaré.

Hoy un juramento, mañana una traición, amores de estudiante flores de un día son.

Amores de Estudiante, vals, letra: Alfredo Le Pera y Mario Battistella; música de Carlos Gardel.

De la película Cuesta Abajo, 1934 – Alfredo Le Pera Cancionero, 6 – Gentileza de Oscar Marengo

casas foram dispostos pela sala quadros, com gravuras reproduzidas de pintores famosos, como era costume, na época.

Entre eles o quadro com uma mulher bonita, de perfil, com uma rosa vermelha nos cabelos e os lábios rubros. Devia ser uma raridade importada, do qual nem se sabia, ou interessava, o autor, mas era rico em detalhes e beleza.

Na casa, pelas janelas abertas, avistavam-se árvores frondosas, especialmente uma, bem defronte da janela. Dali, voou um beija-flor e penetrou janela a dentro; sem pedir licença, invadiu a nossa sala de visitas e foi diretamente ao quadro da “mulher bonita”, talvez pelo seu re-

flexo no vidro, ou por atração do vermelho, confundido com a flor; voou que cansou, não encontrou o pólen que procurava; frustrado, beijou os lábios da “mulher bonita”.

Sentiu-se ainda mais enganado e regressou em direção da árvore e, de lá, ficou contemplando através da janela “a mulher bonita, e a rosa”.

Quem sabe o beija-flor não estava chorando?

Na cidade de Arcia, minha terra natal, quando eu estava mais ou menos com a idade de quatro anos, fui acometida por uma doença gravíssima, que quase me rouba a vida. Filha mais velha e muito querida, fui levada ao médico, Dr. Oscar Neiva, que após os exames diagnosticou febre tifo. Foram três meses entre a vida e a morte. Já convalescente, para melhor me restabelecer, meu pai comprou um sítio, Ladeira Vermelha, e, para lá, nos mudamos.

Mamãe gostava muito de flores e as cultivava em vasos de cerâmica. O Oratório ocupava um lugar de destaque, fora levado para lá com todas as imagens de nossa devoção. Também para a ornamentação da

Guiomar Travassos Chianca, A Mulher, a Rosa e o Beija-flor: em Autores Parahybanos 1999 – Edições Caravela, NCP – Núcleo Cultural Português – Gentileza de Maria do Socorro Xavier, Caixa Postal 3064, Tambaú, CEP 58039-970 – João Pessoa, PB

Enfrentasste o sol e a neve e continuas de pé... – O Brasil muito te deve meu velho pé de café!... Antônio Valentim Rufatto	Quer faça frio ou calor, o bom gosto do estrangeiro nunca dispensa o sabor de um bom café brasileiro. Argemira Fernandes Marcondes	O café – fonte de renda – traz-me o tempo de meus pais... Fui menino de fazenda, no Brasil dos cafezais! Ederson Cardoso de Lima	Café!... Gostosa bebida degustada o tempo inteiro... Presença nobre e querida na mesa do brasileiro. Elen de Novais Felix	Café, bebida saudavel, consumida mundo afora. Com seu sabor agradável, é bebida a qualquer hora. Gilson Rangel Rolim	Uma receita de trova: primeiro, esperança e fê... Depois, uma ideia nova... e, ao final... um bom café!... Hermoclydes S. Franco	O café, decorado, por ter sabor sem igual, hoje, fato consumado: é bebida universal! Lucilia A. T. Decarli
Dos meus pais, da mocidade, do café no terreirão, guardo os fardos da saudade nas tullhas... do coração. Maria Lúcia Daloco Castanho	Meu sertão, louvo diário, que a meu ver parece até, de tão branco... um santuário na florada do café! Maria Nelsi Sales Dias	Na estrada, por onde eu sigo, cresce em Deus a minha fê ao ver os campos de trigo e as plantações de café. Maria Thereza Cavalheiro	Café, amor, bem cheiroso, que o poeta em seu soneto, decantou ser mais gostoso: – vem lá de Ribeirão Preto... Milton Nunes Loureiro	Obrigado, lavrador: – o seu trabalho fecundo faz-me provar o sabor do melhor café do mundo. Regina Célia de Andrade	Na fazenda abandonada, vê, a saudade, a chaminé e, na cozinha sem nada, sente o aroma do café! Therezinha Dieguez Brisolla	Era a infância... e eu nem sabia que o café com brevidade, muito mais tarde teria este gosto de saudade... Vanda Fagundes Queiros

XIX Jogos Floreais de Ribeirão Preto – 2006 – União Brasileira de Trovadores – UBT, Seção de Ribeirão Preto – ubt.niltonmanoel@ig.com.br

CRÔNICA SOCIAL: PAULICÉIA DESVAIRADA

Amada Paulicéia, terra mesclada de eleitos e de cúbicos burgueses, feira de cabotinos arlequinais e de gênios taciturnos, improvisado acampamento de salteadores e de profetas, de místicos e de traficantes, tens, agora, o teu cantor soberbo!

Terra que eu amo sobre todas, pela angústia que ofega nos porões dos teus bairros, pelo cinismo dos que te conquistam com seu ouro e com sua audácia, terra do meu berço, dos meus amores, alguém, com versos estranhos, fixou tua tragédia, teu sofrimento e tua glória!

Ele, o Aedo bizarro, será negado pelos que só vibram ao clangor marcial dos fêchos de ouro dos parnasianos... E o Crucificado do Livro Fechado,

aos mediocres, e o Cristo da Ânsia e do Desvair, ouvirá o casquinar sarcástico dos críticos obeliscais, dos “ratês” aleitados pelo cromatismo verborrágico dos versos sonoros, como um dia foi negado Aquele que bebeu no cálice todas as angústias...

Ó minha Paulicéia de imigrado nostálgico que acorda, nas ruas crepusculares, dentro do seu pregão com que suplica às portas fechadas o pão da sua fome, toda a saudade que ficou para lá do mar! “Patata, assatu u furn”.\*

Ó Paulicéia dos meus encontros subsultantes, sob as tílias verdes, nos jardins tropicais em que cada aroma é uma serpente a repetir a canção do pecado! ó minha terra amada, alguém, condensando tua

inquietude, musicando a polifonia desencontrada dos teus gritos, ergueu o monumento canoro da tua ânsia!

Paulicéia desvairada... Esse é o livro esperado, de Mário de Andrade, sarcástico e lírico evocador de todas as emoções da grande urbe, o doloroso e irônico condensador emocional da modernidade cidadina, onde o jazz-band estridula, pondo lascívia nas espinhas descobertas dos demônios divinos que nos desvairam, e onde a fome ulula com ventres cavados, nas oficinas fumarentas dos acarvoçados bairros obreiros.

Saí, com sua capa arlequina, o poema gargalhante, onde lágrimas grandes como punhos fulgem na ponta de ironias agudas como lanças.

Todos os escribas e farseuses se amontoarão, vivantes, na sua via-cruis, atirando-lhe a ignorante injúria, o baldão inconsciente, o ridículo insulto.

E eu, que admiro a atitude leal, que vejo lacrimejar perdão e piedade para os zoilos de cada fúlgida alma desse poema, saúdo seu aparcimento entusiasticamente, sentindo que nele está a morte dos que preparam, com sanha de vencidos, a cruz e os cravos para o Sacrifício do apóstolo do novo evangelho artístico de minha terra.

O livro de Mário é um grito de redenção e de desafio. Um livro escrito com sangue, que... como diz Nietzsche, luz de espírito, eternidade... Um glorioso livro, afinal. Hélios